

UMA VISÃO ARQUEOLÓGICA DA RELAÇÃO ENTRE CULTURA E AMBIENTE

A INSERÇÃO AMBIENTAL DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO CARIRI, PARAÍBA

CARLOS XAVIER DE AZEVEDO NETTO*

PATRÍCIA DUARTE**

ADRIANA MACHADO PIMENTEL DE OLIVEIRA***

RESUMO

A arqueologia produzida na região Nordeste possui um volume considerável de trabalhos nas mais diferentes temáticas, mas sempre concentrados em pontos específicos do território, sendo o Estado da Paraíba um dos locais com um pequeno número de pesquisas. O presente estudo reflete a proximidade crescente entre os estudos arqueológicos e ambientais, com especial atenção para as questões documentais das memórias coletivas de parcela indígena da sociedade nacional, que podem ser observadas nas formas de ocupação a apropriação dos espaços, configurando a temática denominada de arqueologia da paisagem. No caso do Cariri Paraibano, região de clima semi-árido, as estratégias de ocupação por parte dos grupos indígenas que ali habitaram podem indicar elementos materiais e simbólicos de apropriação do ambiente, relativizando a dicotomia entre natureza e cultura. Assim, o presente trabalho pretende apresentar as ocorrências arqueológicas em uma unidade desta região, o Município de São João do Cariri, através da discussão da configuração ambiental da região, o registro histórico das etnias que habitaram a região antes e durante a colonização europeia e dos sítios Serrote dos Letreiros, Lajedo do Eliseu, Pedra do Jacó, Muralha do Meio do Mundo (Picoito) e Serrote da Macambira, para discutir suas possibilidades modelares.

Palavras-chave: Arqueologia da Paisagem, Relação Sociedade e Meio Ambiente, São João do Cariri.

ABSTRACT

Archaeology in the Northeastern region has produced a considerable amount of work in many different themes, but always focused on specific points of the territory, of which the State of Paraíba is one of the sites presenting the lowest level of research. Considering the increasing closeness between the archaeological and environmental studies, paying special attention on documentary issues related to the collective memories on the portion of the Indian national society, which can be seen in the forms of appropriation and space occupation. In the case of Paraíba Cariri, semi-arid climate region, strategies of occupation by indigenous groups who lived there may indicate elements of ma-

terial and symbolic appropriation of the environment, revitalizing the dichotomy between nature and culture. Thus, this paper intends to present the archaeological occurrences in a unit of this region, the municipality of São João do Cariri, by discussing the region's environmental configuration, the historical record of the ethnic groups that inhabited the region before and during colonization, as well as on Serrote dos Letreiros, Lajedo do Eliseu, Pedra do Jacó, Muralha do Meio do Mundo (Picoito) and Serrote da Macambira sites, to discuss its modeling possibilities.

Keywords: Landscape Archaeology, Society and Environment Relations, São João do Cariri.

RESUMEN

La arqueología producidos para la región Nordeste tiene un considerable volumen de trabajo en los más diversos temas, pero siempre se ha concentrado sobre puntos concretos del territorio, y el Estado de Paraíba uno de los lugares con un pequeño número de estudios. Teniendo en cuenta la creciente estrechamiento de relaciones entre los estudios arqueológicos y del medio ambiente, con especial atención a las cuestiones del documental memorias colectivas indígenas parcela a la sociedad nacional, que pueden ser observados en las formas de ocupación la propiedad de los espacios. En el caso de Cariri Paraibano, región de clima semiárido, las estrategias de ocupación por parte de los grupos indígenas que habitaban allí puede indicar elementos materiales y simbólicos incorporación del medio ambiente, relativizando la dicotomía entre la naturaleza y la cultura. Por lo tanto, el presente trabajo tiene como objetivo presentar las apariciones sitios arqueológicos en una unidad de la región, la Ciudad de São João do Cariri, mediante el debate sobre el entorno de la configuración de la región, el registro histórico de los grupos étnicos que habitaban en la región antes de y durante la colonización sítios Serrote dos Letreiros, Lajedo do Eliseu, Pedra do Jacó, Muralha do Meio do Mundo (Picoito) y vio el y ríos Macambira, para discutir sus posibilidades modelado.

Palabras-clave: Arqueología del Paisaje, Relaciones con la Sociedad y el Medio Ambiente, São João do Cariri.

* Coordenador do projeto - NDIHR/CCSA/UFPB.

** Mestre em Ciências das Religiões/UFPB - Pesquisadora do NDIHR.

*** Mestre em História/UFPB - Pesquisadora do NDIHR.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a abordagem dos fenômenos ambientais vem ganhando uma atenção especial nos mais variados estudos realizados no meio acadêmico, devido à busca de um maior entendimento das relações destes elementos com a sociedade em que neles estiveram inseridas. Essa importância pode ser exemplificada pela publicação da Resolução Nº 1 do Conselho Nacional e Meio Ambiente – CONAMA, em 1986, onde estabelece como áreas de estudos ambientais os meios físico, biótico e antrópico. No tocante a este último, pode-se relacionar toda uma preocupação com a preservação e dinamização do patrimônio cultural, como meio de construção e manutenção das memórias coletivas.

No que diz respeito à questão das memórias coletivas relacionadas com determinado ambiente, parte-se das considerações de Certeau (1994) quando se considera o espaço como uma forma de ver e referenciar as ações cotidianas de uma determinada comunidade. Agrega-se a isso o alargamento da noção de documento (Le Goff 2003). Pode-se considerar que o ambiente, enquanto espaço de relações entre elementos integrados incluiria a ação do homem, nos seus mais variados meios de adaptação e sobrevivência. Com isso, o ambiente é um atributo a ser considerado na reconstituição de qualquer evento histórico, em qualquer período, com especial ênfase para as populações indígenas. Não esquecendo de que se insere nessa discussão o *perspectivismo*, como foi salientado por Viveiros de Castro (2002), incluindo as formas de perceber e identificar o mundo a partir da perspectiva de uma cultura, que provocaria a diluição dessa dicotomia entre cultura e natureza.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo principal apresentar a situação ambiental dos sítios arqueológicos no Município de São João do Cariri, no Estado da Paraíba, situado no Nordeste brasileiro em um ambiente semi-árido, inicialmente pesquisados por Almeida (1976). Este trabalho

apresenta alguns dos resultados alcançados pelo projeto *Arqueologia do Cariri*, projeto este financiado pelo CNPq, vinculado ao Programa Arqueológico do Cariri Paraibano – PARQCP e ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação – PPGCI, do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

O AMBIENTE DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO CARIRI

A região Nordeste tem como um de suas características principais a conformação ambiental de seu interior, visto que se trata de um clima semi-árido, denominado genericamente de Caatinga, notadamente frágil e de equilíbrio precário. Esses ambientes possuem um número reduzido de estudos, o que faz deles muito mal conhecidos, quer seja no tocante às suas peculiaridades, quer seja quanto ao potencial de abrigar grandes contingentes populacionais. E em se tratando da preservação de bens culturais, a dificuldade de entendimento, já que quando falamos em ambientes do semi-árido, a preocupação se torna maior devido à dificuldade que o homem desta região encontra para manter a sua sobrevivência, em virtude do pouco conhecimento que se tem desses ambientes e as possíveis estratégias de exploração, em especial no Cariri Paraibano, onde se situa o município em questão.

Nessa região, a Bacia do Rio Taperoá, observa-se que atividades predatórias do meio ambiente, como a exploração das rochas locais, a extração de argila para olarias caseiras e o assoreamento dos rios, causam um impacto no local e isso faz com que afete, diretamente, o patrimônio arqueológico existente, em especial a arte rupestre, pois sofrem sérios riscos quanto à sua conservação, como foi observado por Lax & Almeida (*apud* Watanabe *et al.* 2002).

São João do Cariri, município do Estado da Paraíba (Brasil), está localizado na microrregião do Cariri Oriental. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística),

no ano 2003 sua população era estimada em 4.777 habitantes, e sua área territorial de 702 km², sendo cortada pela BR 412, principal via de acesso. S. J. do Cariri encontra-se na região mais seca do Brasil localizada no Cariri Paraibano, e seu território era bastante vasto, abrangendo as atuais cidades de Monteiro, Sumé, Serra Branca, São João dos Cordeiros, Cabaceiras, Boqueirão, Campina Grande e outras cidades do Cariri Velho, como era chamada a região.

Sua vegetação característica é a Caatinga que ocupa uma área de 734.478 km² por todo Nordeste do Brasil e é o único bioma exclusivamente brasileiro. Isso significa que grande parte do patrimônio biológico dessa região não é encontrada em outro lugar do mundo além de no Nordeste do Brasil, a qual ocupa cerca de 7% do território brasileiro. Esse tipo de vegetação estende-se pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Bahia e norte de Minas Gerais. Ela tem uma fisionomia desertificada, com índices pluviométricos muito baixos, em torno de 500 a 700 mm anuais (IBGE, 2003).



Figura 1: Vista geral do ambiente da região.



Figura 2: Detalhe do ambiente da região.

RIRI PARAIBANO

A maioria dos estudos sobre povos indígenas do Nordeste, tradicionalmente, segundo a literatura examinada, se dá com os registros das etnias que eram encontrados no litoral. Mas, segundo Ricardo Medeiros (2002), a utilização de novas fontes e a proposta de novas metodologias e a incorporação de outras áreas de saber, como a Antropologia, a Linguística e a Arqueologia, permite um maior avanço dos estudos culturais desses povos que, na maioria das vezes, não mais estão presentes no nosso território.

Todo esse movimento se deu a partir dos anos 1980, demonstrando uma nova tendência da historiografia brasileira através de uma renovação no estudo das fontes de pesquisa, onde os estudos sobre o período colonial se renovaram e aumentaram, dando maior visibilidade a atores sociais até então esquecidos pela história. Autores como Manuela Carneiro da Cunha (1992), Cristina Pompa (2001) e Beatriz G. Dantas (1992), dentre outros, procuram sempre colocar a história dos povos indígenas numa visão menos estática, de forma que esses povos fossem descendentes de populações que se instalaram por aqui há milhares de anos e ocupavam todo o território brasileiro.

A falta de informações relacionadas às populações que viviam no interior, em muito contribuíram para que ocorressem interrogações sobre os próprios grupos que por lá viviam. Essa generalização não se limita apenas ao topônimo, mas a uma indefinição quanto a alguns aspectos das fronteiras culturais desses povos. Nas observações de Rodolfo Garcia publicadas no prefácio da obra de Mamiani sobre os indígenas que eram denominados Tapuias, apresenta o seguinte:

Sob o nome genérico de Tapuias andaram nos primeiros tempos confundidos com outros índios que infestavam a região de seu domínio. Por isso mesmo, ainda hoje torna-se difícil saber, com absoluta certeza, entre tantas alcunhas tribais, quais eram o de origem Quiriri, que eram os Caraíbas e os Gês. Quiriri alterado em Cariri, é qualificativo

UMA BREVE ETNO-HISTÓRIA DO CA-

tupi, que significa – calado, silencioso – e que indica, sem dúvida, uma característica etnográfica tanto mais notável quanto se sabe que os outros índios eram palradores incoercíveis. Quiriri aplicar-s-eia propriamente às tribos da Baía: Cariri às tribos do Norte. (Garcia 1968: 21-22)

A descrição utilizada para o que explicaria o termo “Tapuia” incluía a todos os povos que não falassem a língua Tupi. Segundo Lima, ao analisar Gabriel Soares de Souza:

Corre esta corda dos tapuias toda esta terra do Brasil pelas cabeceiras do outro gentio (os povos tópicos), e há entre eles diferentes castas, com mui diferentes costumes, e são contrários uns dos outros (...) são tantos e estão tão divididos em bandos, costumes e linguagem, para se poder dizer deles muito, era necessário de propósito e devagar tomar grandes informações de suas divisões, vida e costumes. (Lima 2003: 35)

Alguns historiadores, quando falam sobre as populações que viviam no interior paraibano, dividem esse território como ocupado por dois grandes grupos indígenas: a nação Cariri e a nação Tarairiú. Sabe-se, ao analisar a diversidade de grupos existentes nesta região, que esse topônimo Tarairiú compreende uma complexidade de populações que se apresentam dispersas e possuem aspectos culturais distintos.

Dizer que as populações denominadas

Tarairiú apresentavam uma homogeneidade em seu aspecto cultural e idiomático seria um pouco complicado, porque, sobre esses povos que viviam no interior paraibano, não encontrados documentos escritos que fossem possíveis agrupá-los de forma a considerá-los como se fossem apenas uma única unidade. Essa afirmativa demonstraria uma contradição relacionada aos aspectos culturais e históricos dos mesmos. Como é observado em Borges (1993) e Mello (1994), pois nestas visões, os Tarairiús são divididos em diversas tribos, como Janduí, Ariús, Pegas, Panatis, Sucurus, Paiacus, Canindés, Genipapos, Cavalcanti e Vidais.

Para Borges (1993), a necessidade de novos estudos sobre os indígenas da Paraíba dificulta a possibilidade de se estabelecer uma classificação que procure explanar sobre os índios que viveram no sertão paraibano. Seria preciso estudar os grupos indígenas Cariris e Tarairiús, pois foram de extrema importância para que se entendesse o povoamento do interior e que hoje em dia se encontram praticamente extintos, de acordo com dados oficiais. Isso é percebido pelo mapa por ele apresentado e, em sua análise consta apenas esses dois grupos indígenas para o interior da Paraíba, chamando os Tarairiús de “verdadeiros tapuias do Nordeste” (Borges 1993: 22).

Medeiros (2003) elabora uma tabela a

Quadro 1: Relação de Aldeias da Capitania da Paraíba sujeitas ao Bispado de Pernambuco em 1746.			
Região	Aldeia	Missionário	Povos
Paraíba	Jacoca	Beneditino	Caboclos de língua geral
Paraíba	Utinga	Beneditino	Caboclos de língua geral
Mamanguape	Baía da Traição	Carmelita da reforma	Caboclos de língua geral
Mamanguape	Preguiça	Carmelita da reforma	Caboclos de língua geral
Mamanguape	Boa Vista	Religioso S. Teresa	Canindé e Xucuru
Taipu	Cariris	Capuchinho	Tapuia
Cariri	Campina Grande	Hábito S. Pedro	Cavalcanti
Cariri	Brejo	Capuchinho	Fagundes
Piancó	Panati	Religioso S. Teresa	Tapuia
Piancó	Corema	Jesuíta	Tapuia
Piranhas	Pega	Sem missionário	Tapuia
Rio do Peixe	Icó Pequeno	Sem missionário	Tapuia

Fonte: Medeiros (2003).

partir de suas pesquisas com os documentos do Arquivo Histórico Ultramarino e da Biblioteca Nacional, mostrando os etnônimos e topônimos que pudessem identificar os grupos indígenas que viviam no sertão da Paraíba.

Os Tarairiú, pela barbárie a eles imposta pelos cronistas coloniais, foram classificados como tapuias que não se apresentam dentro dos denominados Cariri, mas que, ao mesmo tempo, fazem parte do sertão Nordeste, pelo aspecto inóspito considerado nos relatos históricos para essa região. Esses grupos apresentam uma grande capacidade de mobilidade dentro do espaço semi-árido, onde a Caatinga e a seca castigam seus habitantes, mesmo os que já se adequaram ao ambiente hostil.

Os índios de Corso, caçadores-coletores nômades, também conhecidos como bárbaros, andantes, ocupavam grandes regiões – áreas de perambulação – uma vez que a economia extrativista exigia migrações mais extensas a fim de atender as demandas de abastecimento grupais. Não possuíam mais que instrumentos de pedra, osso ou madeira, úteis na caça e coleta. Estes grupos, muitas vezes, eram formados por largos contingentes, divididos em pequenos subgrupos, estratégia necessária como forma de distribuir mais eficientemente as áreas de coleta. (Lima 2003: 44)

Outros índios tapuias que ocuparam a região do atual Cariri paraibano eram os índios Sucurus. Eles ocuparam o sul da Capitania, formando uma área triangular entre as serras de Jacarará e Jabitacá e o rio Sucuru, onde hoje está localizada a cidade de Monteiro e algumas cidades circunvizinhas. Suas aldeias se localizavam entre os rios Curimataú e o Araçagi. Durante os conflitos existentes a partir do contato, eles foram levados ao norte da Capitania para combater com os índios Janduys, denominados Tarairiú, que se encontravam na fronteira com o Rio Grande. Os índios Janduys estavam devastando esta região, causando medo aos habitantes do local, oriundos dos processos de expansão das fronteiras de ocupação colonial européia

(Joffily 1977: 119).

Observando o mapa de Curt Nimuendajú (2002), a região do Cariri paraibano demonstra a presença de índios Sucuru, Ariú, Canindé, considerados Tarairiús, por alguns autores, e os próprios Cariri. A partir desse dado, podemos colocar a hipótese de que o etnônimo Tarairiú é utilizado em relação aos Cariri do mesmo modo que o Tapuia é relacionado aos Tupi, ou seja, elementos de classificação que se constroem em oposição ao outro. Essa denominação Tarairiús coloca todos os grupos indígenas que não se denominavam Cariri como uma única etnia, o que não se enquadrava na realidade desses grupos que apresentavam uma grande diversidade cultural. A questão do etnônimo Tarairiús ainda é fruto de discussões na literatura histórica específica.

Cariri é a designação da principal família de línguas indígenas do sertão do Nordeste, onde vários grupos locais ou etnias foram ou são referidos como pertencentes ou relacionados a ela. O *Mapa Etno-Histórico De Curt Nimuendaju* (2002) mostra o deslocamento desses índios e os divide em Kipea-Kariri e Dzubukua, que ocupam espaços distintos geograficamente. Os muitos grupos Cariris existentes ao norte do Rio São Francisco, principalmente nos atuais estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, enfrentaram a epopéia de uma guerra de extermínio que se seguiu a expulsão dos holandeses e que durou toda a segunda metade do século XVII. Eles ocuparam, preferencialmente, as áreas próximas ao rio São Francisco e seus principais afluentes, seguindo em direção setentrional em busca de outros locais adequados para sobrevivência. Isso é percebido quando Beatriz G. Dantas et al. relata, ao se referir aos povos indígenas do sertão nordestino, analisando os índios Cariri como presente em várias localidades além da região do rio São Francisco. Segundo ela:

Reconhece-se, porém, sem dificuldade, a predominância da família Kariri, presente desde o Ceará e a Paraíba até a porção setentrional do sertão baiano, mas não se definem

bem os seus contornos já que apenas quatro de suas línguas – Kipeá, Dzubukuá, Kamuru e Sauyá – chegaram a ser identificadas e apenas a primeira delas suficientemente bem descrita, ainda no período colonial, graças ao trabalho de Mamiani (1968). (Dantas *et al.* 1982: 432)

As informações contidas no *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju* (2002), principalmente as que revelam os diferentes etnônimos encontrados no sertão nordestino, de leste a oeste, se observa a presença dos índios Cariri em vários locais do interior paraibano, como no Agreste, Borborema e no atual Sertão. No mapa, ele coloca esses índios como uma família linguística, procurando demonstrar sua distribuição geográfica, assim como faz com as outras famílias e línguas isoladas. Esse mapa, além de distinguir as sociedades indígenas segundo a classificação linguística, as situa em mais de um local, conforme seu deslocamento ao longo do tempo, anotando sob seu nome, e em alguns casos, o ano em que ali se encontravam. Observando uma superposição entre o mapa de Nimuendaju e dos municípios paraibanos abaixo, pode-se inferir a distribuição espacial desses grupos.

DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO CARIRI

A região do Cariri foi inicialmente pesquisada na década de 1970, em trabalho pioneiro de Ruth Trindade de Almeida (1979), definido o Estilo Cariri Velhos, filiado posteriormente à Tradição Agreste. Em virtude da baixa pluviosidade e da rede de drenagem muito superficial, essa região apresenta períodos acentuados de seca regularmente. Essa regularidade, de acordo com estudos arqueológicos realizados para regiões similares, no que diz respeito à vegetação hidrologia e demais componentes ambientais a esta (Martin 1997), é presente desde o início do holoceno. Em tais condições, espera-se que as populações pré-históricas tenham encontrado situações semelhantes às atuais, em que pese a interferência da exploração econômica que vêm sofrendo. Para a descrição desses sítios foi levado em conta o seu suporte, a ocupação do suporte, posição do suporte e tipo de sinalização.

Cartograma etno-histórico na Paraíba - 1944



Figura 3: Cronograma etno-histórico na Paraíba – 1944. Fonte: Oliveira (2009), baseado em IBGE (s/d) e Nimuendaju (1987).

SÍTIO SERROTE DOS LETREIROS

A vegetação e o relevo do local onde se localiza o sítio se mostram característicos da região dos Cariri. As pinturas e gravuras foram feitas sobre blocos de rochas que, muitas vezes, se encontram bastante desgastados pelo intemperismo que é comum na região. O local onde se encontram os painéis é de difícil acesso por se encontrar no meio da vegetação típica da região semi-árida, a Caatinga, e por apresentar uma grande quantidade de painéis distribuídos em locais altos como blocos de rochas, com o conjunto de painéis apresentando uma disposição semi-circular, formando um anfiteatro. Esses painéis estão distribuídos de forma aleatória seguindo o critério de sequência de seu feitor. O sítio mostra gravações com frequência de sinais geométricos (circulares e lineares), apresentando apenas no painel 21 pintura rupestre.



Figura 4: Vista geral do sítio.



Figura 5: Exemplo de um dos painéis de gravações picoteadas.



Figura 6: Exemplo de gravação polida (mão).



Figura 7: Exemplo de gravação polida (pegada).



Figura 8: Painel com pinturas com associação com gravações.



Figura 9: Presença de polidor nos sítios.

As gravações em sua grande maioria estão colocadas sobre as rochas horizontalmente, com raros casos verticais, já a pintura encontra-se em face vertical do suporte. As gravações e a pintura apresentam-se muito desgastadas, com bordas muito tênues, devido à ação de intempéries.

SÍTIO LAJEDO DO ELISEU

Está localizado em local acidentado, ao longo de uma subida íngreme, com vegetação típica da região do Cariri, mostrando um cenário árido e não apresentando facilidade de acesso. As gravações foram executadas sobre um lajedo granítico coberto por um tipo de fungo que dá umas colorações douradas, distribuídas horizontalmente. O sítio apresenta-se com gravuras em motivos geométricos lineares e circulares, com interferência atual nas gravações (ação antrópica), e com as gravuras que se limitam à região do córtex da rocha.



Figura 10: Vista geral do painel.



Figura 11: Detalhe do painel.



Figura 12: Detalhe de aproveitamento dos acidentes da rocha.



Figura 13: Detalhes com gravuras de pés picoteadas.

Há vários locais em que o sol e a chuva agiram diretamente sobre a rocha, pois eles se encontram a céu aberto, fazendo com que as camadas superficiais dessas rochas estejam prejudicadas, favorecendo a ação da erosão nas gravuras, aumentando o seu desgaste.

SÍTIO PEDRA DO JACÓ

Encontra-se um pouco mais acima do Lajedo do Eliseu continuando uma subida íngreme e com uma vegetação relativamente fechada, típica da Caatinga, formada por cactáceas das mais variadas espécies. O sítio apresenta-se apenas com dois painéis de pinturas. No painel um a pintura mostra desenhos figurativos, com forma de mão humana. Já no painel dois, as pinturas estão dispostas de forma semicircular. É um local de difícil acesso e as rochas se mostram muito desgastadas, intemperizadas pela ação do sol, vento, chuvas e deposição de sais de rocha, formando uma pátina. Devido a esse fator as pinturas não se apresentam muito visíveis.



Figura 14: Detalhe do painel – motivo linear.



Figura 15: Detalhe do painel – figura bastante alterada.

por se apresentar em local de passagem de veículos. As pinturas encontram-se do lado oposto da via de acesso, o que ajuda na preservação do mesmo, por não deixar visível aos transeuntes da via de acesso o local onde se localizam as pinturas, ocupando a face vertical do mesmo. A vegetação do local é típica da Caatinga mas, em função da ocupação, encontra-se bastante alterada. Este sítio apresenta dois estilos distintos de grafismos, um sobreposto ao outro. Trata-se de grafismos puros, em cor vermelha, em duas tonalidade e texturas, os grafismos circulares e curvilíneos são mais líquidos e de tonalidade mais fraca estão recobertos por grafismos mais lineares, com tonalidade mais forte e de textura pastosa. Existem casos em que a ocupação mais recente recobria um determinado grafismo curvilíneo em toda sua forma, como se estivesse apropriando-se deste signo.



Figura 16: Vista geral do sítio.

SÍTIO MURALHA DO MEIO DO MUNDO (SÍTIO PICOITO)

Apresenta apenas pinturas, com motivos geométricos. Alguns painéis se encontram em melhor estado que outros e, também, apresenta algumas pinturas sem uma identificação concreta. Por ter sido um local de exploração de granito, acredita-se que muito tenha se perdido na implosão das rochas, restando apenas os painéis descritos acima. Este sítio encontra-se em fácil acesso



Figura 17: Vista geral de sobreposição em um dos painéis.



Figura 18: Detalhe de sobreposição no painel.



Figura 19: Detalhe de apropriação de sinal no painel.

SÍTIO SERROTE DA MACAMBIRA

O Sítio apresenta-se já bastante remediado pelo pessoal da polícia civil, que fez averiguações sobre o local, não descartando a hipótese de ele ser local de crime, retirando os restos ósseos sem o devido cuidado e registro estratigráfico e contextual. Em um levantamento posterior no sítio foi percebido outras evidências, especialmente material lítico e material ósseo de animais, que não consta do acervo deixado pelos policiais. Foi possível perceber que através das feições deste local, que se trata de um possível cemitério indígena e foi encontrado por moradores do lugar. A ação de um dos integrantes do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri – IGHC, evitou que o material fosse encaminhado para as análises policiais, sendo encaminhado após alguns anos para o NDIHR, da UFPB. O sítio cemitério é um abrigo com

quatro bocas, ou seja, quatro locais de entrada/saída, e, no seu interior, há pedras que estavam deslocadas como se, anteriormente, cobrissem os corpos que lá se encontravam enterrados, segundo depoimento dos moradores locais.

Nesse sítio não se encontra a presença de arte rupestre, mas foram encontrados dois artefatos líticos ressaltando, dessa forma, a suspeita citada anteriormente, de ser um cemitério indígena. A vegetação e o relevo do local apresentam-se de acordo com o clima semi-árido do Cariri e o lugar onde se localiza o sítio é relativamente alto e muito distante da estrada de acesso. Tivemos que contar com a permissão do morador da fazenda onde ele se localiza para que tivéssemos acesso ao sítio. Trata-se de um cemitério onde os restos diretos foram retirados, sem intervenção de arqueólogos, por peritos da polícia local após a denúncia do proprietário das terras. O estado de conservação do material é precário. O número de indivíduos encontrados foi de 17 indivíduos, sendo 15 adultos e duas crianças, com algumas patologias associadas a esforços físicos e prática culturais. Entre os vestígios analisados foi observada a presença de pintura (ocre) em alguns fragmentos de crânio (infantil) e aparas e polimento em epífises distais de alguns ossos, indicando a ocorrência de sepultamentos secundários, como pode ser visto nas fotos abaixo.



Figura 20: Vista geral do sítio.



Figura 21: Exemplo de artefatos encontrados.



Figuras 22 e 23: Ossos de crânio de criança com pigmentação avermelhada (ocre).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações iniciais sobre o conjunto de sítios arqueológicos, até o momento localizado, possibilitam inferir algumas regularidades entre essas ocorrências e as formas ambientais que foram escolhidas para ocupação. Em primeiro lugar cabe apontar a constatação de três conjuntos distintos de evidências arqueológicas, os painéis com pinturas, com gravações e os sítios com sepultamentos. A cada uma dessas ocorrências pode-se indicar um tipo de situação ambiental específica. Vale salientar que as diferentes formas de ocorrência de sítios arqueológicos nessa região estão inter-relacionados, conforme apontam Costa *et al* (2000) e Martin (1997), o que pode indicar pesquisas futuras para evidenciar essa relação.

Para os sítios com gravações, foi observado que sua ocorrência encontra-se associada, de modo geral, a lajedos, ou mesmo a afloramento, horizontais, com figurações geométricas lineares, com raríssimos casos de pontos e círculos, com sulcos muito rasos, sempre a céu aberto. Os suportes dessas gravações encontram-se nos sopés das serras da região, não sendo identificados, até o momento, outros vestígios em cotas mais altas.

Para os sítios de pinturas, estes se encontram em afloramentos graníticos, ocupando várias fácies verticais dos mesmos, não sendo observada nenhuma determinação de orientação magnética dos painéis. Os seus motivos são mais abrangentes que os das gravações, desde geométricos lineares, circulares até figuras que lembram antropomorfos, ocupando paredes verticais ou mesmo pequenos abrigos. Esses sítios encontram-se em cotas mais elevadas que os de gravações, embora sejam ainda próximos aos sopés das serras, não sendo observada nenhuma relação de continuidade entre esses sítios, com exceção do Serrote dos Letreiros, onde um de seus painéis é de pintura.

A terceira forma de ocorrência de sítio arqueológico neste município que foi observada é exemplificada pelo sítio Serrote

da Macambira. Esse sítio é um abrigo-sob-rocha, formado por afloramentos graníticos que forma um salão com três aberturas. Esse sítio não possui pinturas ou gravações rupestres, mas foram encontrados restos humanos diretos e material lítico e cerâmico. Com respeito a esses restos diretos, cabe informar que foram enviadas para Laboratório de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco para as devidas análises. Esse sítio encontra-se no cume do Serrote da Macambira, ocupando uma das extremidades de sua crista, com evidências de enterramento secundário, uma forma de rito funerário que não é rara para a região. Assim, pode-se considerar que os sítios de pinturas são situados na cota intermediária entre os sítios de gravação e os de sepultamentos, cabendo a questão: Existiria alguma determinante ritual nessa distribuição de sítios? Que motivação seria determinante para essa forma de ocupação? Espera-se que com o desenvolvimento do projeto Arqueologia do Cariri possa, pelo menos, se esboçar respostas para essas questões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ruth Trindade de. 1979. *A arte rupestre nos Cariris Velhos*. João Pessoa, Universitária/UFPB.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. 2003. “Memória e Identidade: a representação através da cultura material”. *Caderno de Estudos e Pesquisas, São Gonçalo*, 19: 13-24.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. 2004. *A Arte Rupestre da Bacia do Taperoá: A ordenação e representação de seus dados*. Projeto de pesquisa. João Pessoa, UFPB. (não publicado)
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. 2005. “Memória, Identidade e Cultura Material: a visão arqueológica”. *Revista Vivência*, Natal, 28: 265-276.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. 1988. “A natureza da informação da Arte Rupestre: a proximidade de dois campos”. *Informare – Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação*. Rio de Janeiro, 4(2): 55-62.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de *et al.* 2005. “A inserção ambiental dos Sítios Arqueológicos do Município de São João do Cariri”. In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História*. Londrina, ANPUH Nacional (CD-ROM).
- BORGES, José Elias. 1993. “Índios Paraibanos: classificação preliminar”. In: OCTÁVIO, José & RODRIGUES, Gonzaga (org.). *Paraíba: Conquista, Patrimônio e Povo*. João Pessoa, s/ed., pp. 21-42.
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. 1977. *Diálogos das Grandezas do Brasil*. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL.
- CERTEAU, Michel de. 1994. *A invenção do cotidiano*. 6ª ed. Petrópolis, Vozes.
- COSTA, José Jonas Duarte da. 2003. *Impactos Socioambientais das Políticas de Combate à Seca na Paraíba*. Tese de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo.
- CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). 1992. *História dos índios no Brasil*. São Paulo, FAPESP/Cia das Letras.
- DANTAS, Beatriz G. *et al.* 1998. “Os povos indígenas no nordeste brasileiro: um esboço histórico”. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 431-456.
- DIEHL, Astor A. 2002. *Cultura Historiográfica – Memória, identidade e representação*, Bauru, Editora Universidade do Sagrado Coração.

- FUNARI, Pedro Paulo. 2003. *Arqueologia*. São Paulo, Contexto.
- FUNARI, Pedro Paulo & NOELLI, Francisco Silva. 2002. *Pré-história do Brasil*. São Paulo, Contexto.
- GARCIA, Rodolfo. 1969. Prefácio. In: MAMIANI, Luiz Vincencio. 1942 *Catecismo da Doutrina Christã na Língua Brasilica da Nação Kiriri (1698)*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.
- GASPAR, Madu. 2003. *A Arte Rupestre no Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- GONÇALVES, Regina Célia. 1998/1999. “A história e o oceano da memória: algumas reflexões”. *Saeculum*, João Pessoa, 4/5: 13-39.
- HALL, Stuart. 2002. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro, DP&A Editora.
- JOFFILY, Irineo. 1892. *Notas sobre a Paraíba*. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Comércio de Rodrigues & C.
- LE GOFF, Jacques. 2003. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas, Editora UNICAMP.
- LEROI-GOURHAN, André. 1988. “Os caminhos da história antes da escrita”. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (org). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, pp. 89-97.
- LIMA, Marcos Galindo. 2003. *O Governo das Almas: a expansão colonial no país dos tapuias – séculos XVII e XVIII*. Tese de Doutorado em História – Leiden Universiteit, Holanda.
- LIMA E SILVA, Pedro Paulo de. 2002. *Dicionário de Ciências Ambientais*, Rio de Janeiro, Thex Editora.
- MACHADO, Maximiano Lopes. 1977. *História da Província da Paraíba*. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB.
- MAMIANI, Luiz Vincencio. 1942. *Catecismo da Doutrina Christã na Língua Brasilica da Nação Kiriri (1698)*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.
- MARTIN, Gabriela. 1997. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 2ª ed. Recife, Universitária/UFPE.
- MEDEIROS, Coriolano de. 1950. *Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba*. 2ªed. Rio de Janeiro, INL.
- MEDEIROS, Ricardo Pinto de. 2003. “Entre Guerras, Currais e Missões: Povos Indígenas da antiga Capitania da Paraíba”. In: *Anais Eletrônicos do XXII Simpósio Nacional de História*. João Pessoa, UFPB. Disponível em www.guiajp.com.br (acesso em 2 de fevereiro de 2005).
- MEDEIROS, Ricardo Pinto de. 2002. “Povos Indígenas do Sertão Nordestino no Período Colonial: Descobrimientos, Alianças, Resistências e Encobrimento”. *Revista Fundamentos*, São Raimundo Nonato, 2: 7-52.
- MELLO, José Octavio Arruda de. 1995. *História da Paraíba: lutas e resistências*. João Pessoa, Universitária/UFPB.
- MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo. 1991. *História da Arqueologia Brasileira*. Pesquisas, Série Antropologia, São Leopoldo, 46.
- MITHEN, Steven. 2002. *A Pré-História da mente – uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo, Edusp.
- NIMUENDAJU, Curt. 1981. *Mapa Etno-histórico*. Rio de Janeiro, IBGE.
- OLIVEIRA, Adriana M. P. de. 2009. *Entre e a pré-história e a história: em busca de uma cultura sobre os primeiros habitantes do cariri*

paraibano. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Paraíba.

PESSIS, Anne-Marie & MARTIN, Gabriela. 2002. "A área arqueológica de Seridó, RN. Brasil: Problemas de conservação do Patrimônio Cultural". *Fundamentos*, São Raimundo Nonato, 2: 187-208.

PROUS, André. 1992. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

RIBEIRO, B. 1995. "Acheugas à definição de arte indígena". *Interfaces*, Rio de Janeiro, 1: ?-?.

SÃO JOÃO DO CARIRI. 1976. In: *Enciclopédia dos Municípios Paraibanos*. João Pessoa, s/ed.

SALVADOR, Frei Vicente do. 1982. *História do Brasil, 1500-1627*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP.

SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira, 2003. *A Arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena*. São Paulo, FAPESP.

SCHNAPP, Alain, 1988. "A arqueologia". In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (org.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, pp.1-20.

SILVA, Joaquim Perfeito da. "Arte rupestre: conceito e marco teórico". In: *Rupestreweb*. Disponível em <http://repestreweb.tripod.com/conceito.html> (acesso em 24 de março 2006).

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. de. 2002. "Perspectivismo e multiculturalismo na América indígena". In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. de. *A inconstância da alma selvagem*, São Paulo, Cosac; Naify, pp. 345-399.

WATANABE, Takako *et al.* 2002. *Relatório*

do Projeto Bacia do Taperoá, Paraíba, Brasil. João Pessoa, PRODEMA/UFPB. (não publicado)

Recebido de 23 de Setembro de 2011
Aprovado em 21 de Outubro de 2011